

## CIÊNCIA E PSEUDOCIÊNCIA NO TERCEIRO REICH: UMA RECENSÃO SOBRE OS CIENTISTAS DE HITLER

SCIENCE AND PSEUDOSCIENCE IN THE THIRD REICH: A REVIEW OF THE SCIENTISTS  
OF HITLER

Frattini, Eric. *Ahnenerbe: os cientistas de Hitler*. Lisboa: Bertrand Editora, 2021.

**ALEXANDRE DOS SANTOS GOSSN**

*Doutorando em Estudos Contemporâneos junto ao CEIS 20 pela Universidade de Coimbra, mestre em Direito pela Universidade Católica de Santos, pesquisador, escritor e advogado.  
Endereço: contato@alexandregossn.com.br*

### RESUMO

Partindo de um tema deveras delicado, Frattini se propõe examinar como a ciência e a pseudociência foram largamente utilizadas pelo regime político vigente (1933-1945) na Alemanha para tentar justificar racionalmente a ideologia nazista, suas premissas e também suas consequências. A obra recenseada, direta ou indiretamente, voluntária ou involuntariamente, termina por destacar dilemas éticos com que a ciência contemporânea pode se deparar. Inobstante, a obra recenseada terminou por se tornar ainda mais relevante após a pandemia do coronavírus, quando o negacionismo e a pseudociência tornaram a assolar movimentos políticos e governos mundo afora.

**Palavras-chave:** Populismo; Autoritarismo; Nazifascismo; Comunicação; Negacionismo; Ciência.

### ABSTRACT

Starting from a very delicate topic, Frattini proposes to examine how science and pseudoscience were widely used by the current political regime (1933-1945) in Germany to try to rationally justify the Nazi ideology, its premises and also its consequences. The censused work, directly or indirectly, voluntarily or involuntarily, ends up highlighting ethical dilemmas that contemporary science may face. Nevertheless, the censused work ended up becoming even more relevant after the coronavirus pandemic, when denialism and pseudoscience once again plagued political movements and governments around the world.

**Keywords:** Populism; Authoritarianism; Nazifascism; Communication; Denialism; Science.

### SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO; 1 A CIÊNCIA, O HOMEM ILUMINISTA E O FASCISMO; 2 O ÓDIO AO SABER, O MITO NO LUGAR DA CIÊNCIA E A MORTE DA DIGNIDADE; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS**

## INTRODUÇÃO

Antes de adentrar aos meandros da presente recensão, considero válido contextualizar o autor, sua biografia, vivência no tempo e espaço e prováveis motivos para escrever o livro ora resenhado. Eric Fratini é um jornalista investigativo hispano-peruano de 58 (cinquenta e oito) anos, que viveu por muitos anos em Israel e se especializou em escrever sobre terrorismo e o Vaticano, contando com dezenas de ensaios traduzidos para mais de quarenta idiomas. Fratini também é conferencista e nutre relacionamentos com diversos institutos e serviços de inteligência de inúmeros países, funcionando também como consultor destes, sendo às vezes referenciado como um “espião sem país e sem chefe a serviço da verdade”. Como ativista e humanista, o tema dos extremismos sempre lhe interessou, de modo que a publicação, em 2021, da presente obra ora recenseada, que trata dos cientistas de Hitler, era uma questão de tempo para ser produzida, visto que a ciência (e pseudociência nazi) está entre as que mais barbaridades produziu. Um humanista prolífico como Fratini não poderia ignorar este tema, justamente no momento em que vivemos, sob a ascensão de populismos, autoritarismos, neofascismos e, recorrendo à expressão do professor lisboeta Costa Pinto<sup>1</sup>, sob um *zeitgeist* que assiste o retorno de ditaduras no horizonte.

Como refere o historiador argentino Federico Finchelstein<sup>2</sup>, o populismo contemporâneo se serve de vários elementos discursivos do fascismo, como se tivesse logrado isolar material genético fascistoide e inoculado parte deste DNA de forma atenuada dentro do autoritarismo populista. Obviamente, já não se propugna mais destruir a democracia como mote de campanha, tampouco se ventila quebrá-la em pedaços de fora para dentro como outrora, mas, sorrateiramente, o que se vislumbra é que o neopopulismo se apodera do aparato governamental e gradualmente vai erodindo os direitos democráticos, até que a democracia seja um regime disfuncional, cujas instituições que deveriam servir à ordem democrática passam a servir justamente para a manutenção de um *status quo* violador dos direitos democráticos. Dentro de parte deste DNA fascistoide introjetado no interior dos regimes neopopulistas está a ideologia (e o discurso) anticientífico, antiacadêmico, antijornalístico, anti-intelectual e que tenciona expurgar a *intelligentsia* para o mais longe possível

<sup>1</sup> COSTA PINTO, António. **O Regresso das ditaduras?** Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, 2021.

<sup>2</sup> FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história.** Tradução de Jaime Araújo. São Paulo: Almedina, 2019.

dos centros de poder e transmissão de informação, como alerta o pesquisador Jason Stanley<sup>3</sup>. Essa dinâmica não é nada original: ela ocorreu na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler, na Hungria da Cruz Flechada e na Romênia da Guarda de Ferro, sendo que a repetição deste modelo discursivo por líderes populistas no século XXI apenas revela como ideias políticas podem ser reproduzidas ao longo da História se valendo os aproveitadores da ignorância política, histórica e científica das grandes massas. Por este motivo, a publicação da presente obra, ora recenseada, justamente em meio à pandemia do coronavírus, quando governantes como Jair Bolsonaro e Donald Trump praticaram negacionismo e divulgaram pseudociência em larga escala, é mais que uma medida bem-vinda: é de fato necessária e os clamores do nosso tempo por si só justificam sua recensão.

## 1 A CIÊNCIA, O HOMEM ILUMINISTA E O FASCISMO

Existem, não poucas, controvérsias sobre o momento da criação do método científico: o debate vai desde os estudos óticos de Alhazém (séculos X e XI), passando pela razão aristotélica inserida dentro da fé por São Tomás de Aquino (século XIII), sobrevoando a navalha de Ockham (séculos XIII e XIV), ou as anotações de Da Vinci (séculos XV e XVI), quem sabe o *cogito ergo sum* de Descartes (séculos XVI e XVII), as reflexões de Bacon (séculos XVI e XVII), o empirismo prático de Hume (século XVIII), ou as abstrações e cálculos de Newton (séculos XVII e XVIII). Este debate tende a ser interminável, mas se não é possível apontar o marco inicial do método científico, o mesmo não é verdade quanto ao surgimento de um conjunto de valores que a História define como o *homo* das luzes: o iluminista. O iluminismo tem vertentes diferentes, como o britânico, o alemão, o francês e o norte-americano, e se tornou produto de exportação (ideológica) quando jovens do sul global vieram estudar nas universidades europeias, mas, apesar de conter diferenças quanto aos meios, não guardavam grandes divergências quanto aos fins: era um movimento que apostava no *homo* racional, que se fiava na ciência, no conhecimento, no estudo, nas letras e concebia as falhas do mundo e das sociedades como meras lacunas de escuridão que poderiam ser preenchidas com as “luzes” (daí a expressão iluminismo) do conhecimento. Rapidamente, tornou-se um movimento associado às cidades médias e grandes, ao pensamento cosmopolita, afeito à mixofilia, chegado à tolerância e avesso à mixofobia. As duas maiores

<sup>3</sup> STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. 2 ed. Porto Alegre: L & PM Editores, 2019.

ideologias políticas e econômicas (ou até religiosas, porque Harari<sup>4</sup> as considera credos laicos) do mundo, até hoje, foram criadas durante o iluminismo: **o liberalismo** que desaguou na sociedade de mercado em sua melhor versão, e no capitalismo selvagem escravocrata, no neoliberalismo rentista e no capitalismo (contemporâneo) de vigilância; e **o socialismo** que gerou a social democracia, os movimentos trabalhistas, ambientais e de defesa das mulheres e minorias na sua melhor versão e no comunismo ditatorial, genocida e violador de direitos humanos e ambientais na sua pior versão.

Por diferentes que fossem – e sejam –, ambas as ideologias são irmãs, ou seja, são produtos da Modernidade Iluminista e filhas do Renascimento. Mas o fascismo é espécie ideológica pertencente a um *zoo* bem diferente. Descende do romantismo cultural, um movimento anti-iluminista e que reprova e repugna todos os ideais urbanos, tolerantes e cosmopolitas da modernidade. Razão e reflexão? Não, o romantismo pregava a ação, e o fascismo seguia por essa trilha. Por isso, quando Mussolini dá vazão ao ideário fascista que explode na Europa na década de 1920 e se alastra rapidamente ao redor do mundo, era previsível que os ataques à comunidade científica não tardariam. Na Alemanha nazista, esta lógica foi levada à enésima potência, e Fratini a captura com precisão em sua obra, retratando como Himmler e seus subalternos não apenas tentaram destroçar o conhecimento científico e os quadros acadêmicos erigidos e coletados até a República de Weimar (então, uma inegável potência científica), como ainda tencionaram refundar a ciência através de mitos raciais, étnicos e que evocassem uma gênese de homens superiores que seriam os arianos.

## 2 O ÓDIO AO SABER, O MITO NO LUGAR DA CIÊNCIA E A MORTE DA DIGNIDADE

A ciência nazista, como expõe Fratini, sofre de forças incoerentes e contrapostas: na sua base governamental, cuja figura de proa era Himmler, havia um ardoroso desejo de que as pesquisas referendassem as crenças ideológicas do nazismo. O idealizador da Ahnenerbe, Himmler, era inicialmente um entusiasta da ideia de que de fato a ciência “certa” sob o comando dos cientistas “certos”, movidos pelos objetivos “certos”, chegaria às conclusões “certas”, isto é: chancelariam todas as premissas raciais e étnicas do nazismo.

<sup>4</sup> HARARI, Yuval. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Como a obra revela, esta “inocência” de alguns dos idealizadores da Ahnenerbe permitiu que dois tipos de pesquisadores se aproximassem do centro de poder: I) charlatães que diriam exatamente o que Himmler esperava para obterem verba, prestígio e proximidade do poder; II) pesquisadores realmente talentosos e dotados de vasto conhecimento científico que, por outro lado, não tinham restrições morais quanto a sacrificar seres humanos para serem utilizados como cobaias. Como o livro recenseado demonstra, para os primeiros, a “ciência” nazista era uma oportunidade política e de *marketing*, um campo profissional, um corredor de possibilidades para enriquecer e ganhar notoriedade. Entre estes era possível se encontrar aventureiros, sujeitos que se consideravam arqueólogos, antropólogos ou expedicionários. Vez por outra, alguns deles realmente criam nas bobagens que os nazistas acreditavam, como as origens arianas correspondiam, em suma, a uma coleção de mitos pueris, fantasiosos e totalmente negacionistas dos fatos históricos. Mas, em geral, eram homens problemáticos e profissionais fracassados, que jamais obtiveram reconhecimento dos seus pares em suas áreas de atuação. Já no segundo grupo existiam homens sob uma determinação perversa e que enxergavam na ciência do terceiro *reich* a possibilidade de efetuar experiências científicas sem nenhum limite ético. Talvez alguns destes cientistas realmente comprassem parte do ideário nazista e de fato desumanizassem suas vítimas e cobaias crendo, de fato, nas premissas nazifascistas (portanto, pseudocientíficas em matéria antropológica e étnica), enquanto outros possivelmente se consideravam superiores a estas discussões meramente ideológicas e nutriam uma sede irrefreável de conhecimento, mesmo que a custo da própria humanidade.

Como Fratini revela, se no primeiro grupo a exposição era a regra, com direito à enorme cobertura das mídias existentes à época e à transformação destes aventureiros em garotos propaganda do Estado alemão, ao segundo grupo, o sigilo, o ocultamento e o segredo de porões, salas perdidas ou campos de concentração, eram as regras. Para este segundo grupo o *menu* de crueldades e práticas tétricas ia desde testes de contagem de tempo para ver quanto as vítimas demoravam para falecerem asfixiadas nas câmaras de gás, à tentativa de alterar as cores dos olhos mediante a utilização de colírios corantes, passando pelo envenenamento gradual para testagem de reações, inoculação de patógenos sem cura nos corpos das cobaias humanas, além de coleções de crânios, cabelos, dentes ou até a morte por congelamento. Os judeus e demais minorias eram reificados, logo, tudo deveria ser aproveitado destes, existindo uma verdadeira indústria alemã que recrutava até os cabelos dos prisioneiros de campos de extermínio. Muitas destas práticas eram

segredos dentro de segredos, isto é, eram derivações de violações que eram oficiais para superiores, mas não eram formalizadas, e por não as serem, permitiam o surgimento de segundas, terceiras e quartas ordens de práticas, derivadas daquela originária não oficializada. No fundo, os nazistas também sabiam que estavam a cometer crimes de guerra e contra a humanidade, e tão logo passou a ser provável uma derrota (especialmente de 1944 em diante) na Segunda Guerra, todo e qualquer registro deveria ser erradicado para evitar punições no pós-guerra.

Foi dentro deste quadro caótico e antagônico, que uniu desde charlatães que nada descobriram – mas fingiam encontrar evidências que agradavam a pseudociência de Himmler – até pesquisadores de verdade – que não revelavam todas evidências e métodos que utilizavam – que transcorreu a ciência nazista, ora a serviço da ideologia, ora a serviço da sede desumanizada por conhecimento, ora odiando o saber, ora odiando o que sabia e ora sacrificando qualquer um por mais um pouco de saber.

## CONCLUSÃO

Perscrutando a obra de Fratini não deixa de ser assustador observar que, mesmo o nazismo sendo considerado o mal absoluto e definitivo, existe quem o relativize, quem defenda a liberação para a constituição de partidos nazis como recentemente políticos e *influencers* o fizeram no Brasil, e pior, alguns países o permitem, como exemplo notório disto temos os EUA, cujo fetiche pela liberdade sem limites enseja aberrações como esta aludida.

Também é espantoso que pesquisadores contemporâneos cogitem utilizar parte das pesquisas nazistas, quando é notório que, para além de ser um imenso desrespeito com as suas vítimas e descendentes, é mais do que certo que os resultados deste conjunto de dados é altamente impreciso, porquanto suas metodologias e formatações não eram rigorosas o suficiente para a ciência hodierna.

É igualmente inacreditável, outrossim, constatar que parte do negacionismo e das práticas típicas da pseudociência nazi estejam sendo reproduzidas por líderes populistas quando assim lhes parece oportuno, como asseveram Bruzzone<sup>5</sup>, Bucci<sup>6</sup>, Fancelli<sup>7</sup> e Runciman<sup>8</sup>, todos pesquisadores

<sup>5</sup> BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: democracia e política no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

<sup>6</sup> BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

dos populismos autoritários contemporâneos e suas práticas de desinformação. A obra de Fratini está longe de ser definitiva e por não ser um cientista da seara biológica, está deveras distante da profundidade que cada tema ou experiência apontada poderia ter, por outro lado, sua formação jornalística e seu talento como redator e ensaísta conferem precisão, agilidade e clareza ao teor da obra, que, especialmente após a pandemia do coronavírus, torno-se mais que atual: é necessária.

Coimbra, junho de 2022.

## REFERÊNCIAS

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo**: democracia e política no mundo digital. Local: Editora, ano.

COSTA PINTO, António. **O Regresso das ditaduras?** Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, 2021.

FANCELLI, Uriã. **Populismo & Negacionismo**: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista. Curitiba: Appris, 2021.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Tradução de Jaime Araújo. São Paulo: Almedina, 2019.

FRATINI, Eric. **Ahrnberbe**: os cientistas de Hitler. Tradução de Rita Custódio e Alex Tarradellas. Lisboa: Bertrand, 2021.

HARARI, Yuval – **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. 1ª ed., São Paulo: Todavia, 2018.

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Tradução de Bruno Alexander. 2 ed. Porto Alegre: L & PM Editores, 2019.

Recebido em: 05/05/2023 | Aprovado em: 15/07/2023

<sup>7</sup> FANCELLI, Uriã. **Populismo & Negacionismo**: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista. Curitiba: Appris, 2021.

<sup>8</sup> RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. 1ª ed., São Paulo: Todavia, 2018.